



## TEXTOS E VERSÕES

### **SAVITRI**

**Carlos Alberto da Fonseca**  
Tradução.  
Universidade de São Paulo  
E-mail: carendip@uol.com.br

## RESUMO

Tradução da narrativa integrante do livro III do *Mahâbhârata*, adaptada e musicada como poema sinfônico / ópera de câmara por Gustav Holst (1874-1934), opus 25, 1908-1909<sup>1</sup>. Em apêndice, segue versão da mesma narrativa para teatro infantil.

Palavras-chave: Tradução, Savitri, Mahâbhârata, Gustav Holst.

## ABSTRACT

*Translation of a section from Mahâbhârata book III. This material was used by Gustav Host as text to his Chamber opera Savtri, opus 25. Attached to this follows a version of Savitri to Theatre for Young Audiences.*

Keywords: Translation, Savitri, Mahâbhârata, Gustav Holst.

<sup>1</sup> Tradução realizada em 2005. Dada pela primeira vez à cena por amadores em Londres, no Wellington Hall, em 5 de dezembro de 1916. A primeira apresentação profissional aconteceu no Lyric Theatre Hammersmith, com regência de Arthur Bliss, em 23 de junho de 1921 com Dorothy Silk (Savitri), Steuart Wilson (Satyavan) e Clive Carey (Yama, a Morte). O libreto talvez derive da leitura de obras de Ralph Thomas Hotchkin Griffith (*Specimens of Old Indian Poetry*, 1852) e de Friedrich Max Müller (*A History of Ancient Indian Literature*, 1859).

## Savitri

Tradução de Carlos Alberto da Fonseca

*Uma floresta, ao entardecer.*

*Satyavan a atravessa, lentamente, machado às costas, e fica parado a um canto, recostado a uma árvore. Savitri aparece na frente de sua casa, ocupada em preparar legumes. A Morte [Yama] entra e caminha na direção de Satyavan. Savitri se coloca entre ela e o marido.*

**MORTE** (*admoestando*)

Savitri! Savitri! De nada adianta o que queres fazer. Sabes muito bem quem sou. A Morte, a lei que nenhum homem quebra, quem leva os homens para a frente, a estrada por onde todos viajam, o portão que abre para tudo. Todos me obedecem, minhas palavras não podem ser mudadas. Preciso cumprir minha tarefa, Savitri, vim buscar teu marido. (*Savitri tapa os ouvidos com as mãos.*) De nada adianta o que queres fazer: vim buscar teu marido, meus portões estão abertos para ele.

**SAVITRI** (*lamentosa*)

De novo essas palavras de pavor. Noite e dia, elas não me deixam. Antes eu as ouvia em sonhos, mas agora elas me roubam o sono e me ameaçam com temores e pressentimentos de terror. Dentro de casa essa voz de apreensão se esconde em todos os cantos. No templo ela me envolve até que eu deixe de ouvir o murmúrio coletivo das orações.

**MORTE** (*afastando-se*)

A lei que nenhum homem quebra, Savitri, quem leva os homens para a frente, a estrada por onde todos viajam... (*sai*)

**SAVITRI**

E agora a própria terra parece morrer... nada resta senão aquelas palavras pavorosas: “Vim buscar teu marido”. Buscar Satyavan, que é forte e sem medo, em cujas mãos um machado é uma pena. Levar Satyavan... minha alma mora em sua alma, ele é minha própria vida...

**SATYAVAN** (*levantando-se, lamentoso*)

O manto tristonho da noite está se aproximando... Os animais estão voltando para seus refúgios... Os pássaros estão voltando para seus ninhos. Vou voltar para casa, vou voltar para ti, Savitri. (*meio alucinado, como num espasmo*)  
Através da floresta me apresso para voltar para casa, para perto de ti, minha amada Savitri.

**SAVITRI** (*como que ouvindo à distância*)

Satyavan! Estou aqui! Vem para casa, meu marido, vem para mim!

**SATYAVAN** (*mais perto*)

Ah! As árvores, que se erguem tão orgulhosas, não sabem que carrego seu inimigo mortal, este machado, que as pode abater com um único golpe. (*depondo o machado*) Descansa agora, amigo, até de manhã. Para os braços do meu amor vou agora. (*diante de Savitri*) Eu te saúdo, amada Savitri! Que esposa em todo o mundo é igual a ti? Mas estás pálida e trêmula. O que te atormenta?

**SAVITRI**

A floresta é para mim um espelho onde posso ver todo o mundo: um mundo onde as coisas não têm nome, desconhecido, doente de pavor.

(*Satyavan ajoelha-se a seu lado. A cena escurece. Savitri permanece imóvel, e devagar se agacha.*)

**SATYAVAN**

É Mâyâ! Tu não a conheces? Ilusão – sonho – fantasmas. Mas, para os sábios, Mâyâ é mais que isso. Olha em volta: tudo o que vês, árvores e arbustos, a grama a teus pés, tudo o que caminha ou rasteja, tudo o que voa de árvore para árvore, tudo isso é irreal: tudo é Mâyâ. Nossos corpos, nossos braços, nossos próprios pensa-

mentos, nós mesmos somos escravos de Mâyâ. Além dela, o que existe? Quem pode dizer? O amado para sua amada, o filho para sua mãe, a canção para o cantor - vagueando pelo mundo de Mâyâ, talvez sejam sombras do que existe.

*(escurece ainda mais)*

**SAVITRI** *(pasmada, como num transe)*

Meus olhos estão abertos, antes estivessem fechados! Vejo o coração de cada árvore pálido de terror; as ninfas que dançam sobre as lâminas da grama apressando-se para voltar para a terra. Não sentes isso? Não podes ver isso?

**SATYAVAN**

Não vejo nada. O que te preocupa?

**SAVITRI**

Ela veio!

**SATYAVAN**

De quem estás falando? De uma inimiga? *(pega o machado)* Quem está escondido na floresta? Dize alguma coisa! Vieste como amigo ou inimigo?

**SAVITRI** *(tentando detê-lo)*

Pára de falar!

**SATYAVAN**

Mostra tua cara, covarde encolhido! E então te reduzirei a pó com meus golpes.

**SAVITRI** *(seguindo-o)*

Satyavan!

**SATYAVAN**

Meu machado, que se arremessa com fúria...

**SAVITRI**

Não, não, Satyavan!

**SATYAVAN**

...quer te massacrar! *(afasta-se de Savitri, adiantando-se)* te massacrar! *(o macha-*

*do cai de sua mão; ele cambaleia; a Morte se mostra à distância, aproximando-se pouco a pouco*) Savitri! Savitri! Meus braços perderam a força.

**SAVITRI**

Satyavan! *(corre para o marido e o segura)*

**SATYAVAN**

Savitri! Tenho medo, Savitri!

**SAVITRI**

Estou contigo. Meus braços estão te segurando.

**SATYAVAN**

Savitri! *(cai ao chão)*

**SAVITRI**

Estou contigo, minha vida. Meus braços estão te segurando. Teus pensamentos são os meus, meu espírito mora com o teu. Quando estás cansado, cuido de ti; quando dormes, te faço vigília; quando estás triste, estou por perto. *(a Morte continua se aproximando)* Na floresta cresce a escuridão; tudo está frio e quieto. O mundo se transformou num túmulo. Só eu estou viva. Mas tu estás envolvido em meu amor. Com minhas palavras eu teço um encantamento: poderes malignos não podem se aproximar ao ouvirem minha voz; só os deuses podem entrar aqui.

**MORTE** *(perto dela)*

Savitri!

**SAVITRI**

Ah! Tudo está desaparecendo!

**MORTE**

Savitri! Preciso cumprir minha tarefa, Savitri!

**SAVITRI**

Entra! *(olhando ao redor)* Parece-me que já me levaste para lá. Ao meu redor vejo rostos, ouço vozes...

**MORTE**

Estás envolta em ti mesma, Savitri. Os rostos são os sofredores a quem con-

fortaste; as vozes são as palavras gentis que pronunciaste. Estar contigo é estar num paraíso. Os deuses há muito querem morar contigo.

### **SAVITRI**

Então, entra. Mora aqui conosco! Que graça maior poderia existir para nós do que viver aqui contigo?

### **MORTE**

Não, isso não pode ser. Eu levo os homens para a frente e, no entanto, aqui estou contigo, que não se retrai diante de mim, que me recebe em paz. Vou conceder-te um desejo, só para ti. Não peças nada para Satyavan: minha respiração congelou o coração dele.

### **SAVITRI**

Ó Senhora, não me iludas! Que desejo terá valor se eu não tiver aquele que é meu desejo?

### **MORTE**

Não posso me atrasar, Savitri. Vamos, vamos, faça teu pedido.

### **SAVITRI**

Concede-me esse desejo! É pequeno, mas vou pedi-lo. Dá-me a Vida. A Vida é tudo o que peço a ti. Essa é uma canção que de bom grado eu cantaria. Tua canção, ó Morte, é um murmúrio de quietude. Concede-me esse desejo! Eu quero a Vida.

### **MORTE**

Por que me pedes a Vida? Tu já a tens.

### **SAVITRI**

Dá-me a Vida, a Grande Vida, a Vida Plena! A Vida é tudo o que te peço. A Vida é o caminho por onde quero viajar, onde as flores vão desabrochar ao meu redor, filhos robustos que vou mandar para onde a batalha for mais feroz, filhas de olhos brilhantes que vão seguir meu caminho levando Vida para todas as eras. Tu trabalhas sozinha. Pelo teu portão, o homem deve passar sozinho e desolado. Mas a Vida é comunhão: cada um que vive vive por todos. Tu existes para um momento, um portal logo franqueado, mas a Vida é eterna, maior do que tu és. Como uma chuva generosa ela despeja seus presentes sobre nós; como um vento onipresente ela nos estimula para a frente até que o tempo e o espaço sejam esquecidos e a alegria e a tristeza sejam uma só coisa!

## **MORTE**

Savitri, mulher gloriosa! Terás o presente que pediste! A Vida é tua em toda sua completude; é tua a canção, o caminho de flores.

## **SAVITRI**

Ah! Morte, que governa tudo, tu me concedeste um desejo: deste-me a Vida, uma vida de mulher, uma vida de mãe. Tu me proporcionaste aquilo que tuas palavras significam. Se Satyavan morrer, minha voz ficará muda, meus pés nunca trilharão nenhum caminho. Então terei sido apenas um sonho, uma imagem flutuando nas ondas da memória. Só Satyavan pode me ensinar essa canção, só ele pode abrir o portão para esse caminho de flores, o caminho da vida de uma mulher. Vai embora, Morte, volta para teu reino, deves viajar sozinha, fiel à tua palavra! *(a Morte se afasta. Savitri inclina-se sobre Satyavan)* Solidão e tristeza já terminaram. Desperta novamente para teu lar e tua mulher. Distante daqui caminhaste nas trevas, valentemente lutaste contra a morte. Afasta-te desse caminho, estás me trazendo a Vida.

*(Satyavan abre os olhos)*

## **SATYAVAN**

Savitri! Julguei haver aqui um estranho que te assustava.

## **SAVITRI**

Mas estive aqui um Santo que me abençoou.

## **SATYAVAN**

Então foi um sonho! Sim, deve ser, eu estava cansado. Mâyâ me agarrou, fui seu escravo. Agora ela se foi. Ficaram apenas tu e teu amor. Só tu estás livre de Mâyâ, só tu és real. *(levanta-se)*

## **SAVITRI**

Sem ti estarei morta. Uma palavra sem significado. Um fogo sem calor. Uma noite sem estrelas. Tu me fazes real, tu me dás a Vida. Quando estás cansado, cuido de ti; quando dormes, te faço vigília; quando estás triste, eu estou por perto, fazendo do nada uma alegria maior que todas as alegrias. *(saem juntos)*

## **MORTE** *(cruzando o palco)*

Em direção ao seu reino a Morte caminha sozinha. Alguém a dominou, alguém que, conhecendo a Vida, está livre de Mâyâ, essa Mâyâ que reina onde

os homens sonham que estão vivendo, cujo poder se estende para aquele outro mundo onde os homens sonham que estão mortos. Porque até mesmo a Morte é Mâyâ. (sai)

2 A partir da versão recontada por Aaron Shepard para teatro infantil.

### **SAVITRI** (*à distância*)

Estou contigo. Meus braços estão te segurando. Teus pensamentos são os meus, meu espírito mora com o teu. Quando estás cansado, cuido de ti; quando dormes, te faço vigília; quando estás triste, eu estou por perto, fazendo do nada uma alegria maior que todas as alegrias.

**Fim**

## **APÊNDICE**

### **Savitri**

um conto da Índia antiga<sup>2</sup>

*Na Índia, no tempo das lendas, existia um rei com muitas esposas mas nenhum filho. Toda manhã e toda tarde, por dezoito anos, ele enfrentava o fogo do altar dos sacrifícios e lhe pedia um filho. Finalmente, uma deusa brilhante saiu do meio das chamas.*

### **DEUSA**

Eu sou Savitri, filha do Sol. Por causa de suas preces você vai ter uma filha.

*No devido tempo, nasceu uma menina. Ela foi chamada Savitri em homenagem à deusa. A princesa Savitri era bela e inteligente, e seus olhos brilhavam como o Sol. Tão esplêndida era ela, que o povo pensava que era uma deusa. Quando chegou à idade de se casar, nenhum homem a pediu em casamento. Seu pai lhe disse:*

### **REI**

Esses homens fracos se afastam de um brilho como o seu. Vai, procura um homem digno de você. Então mandarei preparar o casamento.

*Na companhia de criados e conselheiros, Savitri viajou por todos os cantos do reino. Após muitos dias, chegou a uma aldeia perto de um rio. Ali moravam muitas pessoas que haviam abandonado as cidades por uma vida de prece e estudos. Savitri entrou no templo e saudou o mestre mais velho. Enquanto conversavam, um jovem de olhos brilhantes entrou no templo. Ele guiava outro homem, velho e cego.*

**SAVITRI** *(docemente, para o mestre)*

Quem é aquele jovem?

**MESTRE** *(sorrindo)*

É o príncipe Satyavan. Ele está guiando seu pai, um rei cujo reino foi conquistado. É bom que o nome de Satyavan signifique “filho da verdade”, pois nenhum outro é mais rico que ele em virtude.

*Quando Savitri voltou para casa, encontrou o pai com o velho sábio Nárada.*

**REI**

Filha, você encontrou algum homem com quem queira se casar?

**SAVITRI**

Sim, pai. O nome dele é Satyavan.

**NÁRADA** *(engasgado)*

Não Satyavan! Princesa, nenhum homem poderia ser tão digno, mas você não pode se casar com ele! Eu conheço o futuro dele: Satyavan vai morrer em um ano!

**REI**

Você ouviu, filha? Escolha outro marido!

*Savitri tremeu, mas disse:*

**SAVITRI**

Eu escolhi Satyavan, e não escolherei nenhum outro. Por mais curta que seja a vida dele, eu quero compartilhá-la com ele.

*Então o rei ordenou que o casamento fosse preparado. Satyavan foi todo enfeitado com jóias como um verdadeiro noivo. Mas seu pai, o rei cego, perguntou a Savitri:*

**REI CEGO**

Você conseguirá suportar a vida dura da aldeia, princesa? Vai usar essas roupas pobres que as pessoas daqui usam? Vai se alimentar apenas de frutos e legumes da floresta?

**SAVITRI**

Não estou preocupada com conforto. Estarei feliz num palácio ou numa cabana.

*Naquele mesmo dia, Savitri e Satyavan caminharam de mãos dadas ao redor do fogo no templo. Diante de todos os sacerdotes e familiares, eles se tornaram marido e mulher. Durante um ano viveram felizes. Mas Savitri não conseguia esquecer que a morte de Satyavan se aproximava. Finalmente, faltavam apenas três dias. Savitri entrou no templo e se colocou diante do fogo. Ficou ali rezando por três dias e três noites, sem comer e sem dormir.*

### **SATYAVAN**

Meu amor, rezar e jejuar é bom. Mas por que rezar e jejuar tanto?

*Savitri não respondeu. O Sol já estava se levantando quando Savitri finalmente saiu do templo. Viu Satyavan encaminhando-se para a floresta com um machado ao ombro. Correu para o lado dele.*

### **SAVITRI**

Vou com você.

### **SATYAVAN**

Fica em casa, meu amor. Você precisa comer e descansar.

### **SAVITRI**

Meu coração já está no seu caminho.

*De mãos dadas, Satyavan e Savitri caminharam por colinas, sentiram o perfume das flores da floresta e pararam para se refrescar à beira de rios de águas muito frescas. Os gritos dos pavões ecoavam pela floresta. Enquanto Savitri descansava, Satyavan cortava os galhos de uma árvore caída. De repente, ele deixou cair o machado.*

### **SATYAVAN**

Minha cabeça está doendo.

*Savitri correu até ele. Ajudou-o a se deitar no chão à sombra de uma árvore.*

### **SATYAVAN**

Meu corpo está queimando! O que há de errado comigo?

*Os olhos de Satyavan foram se fechando. Ele mal conseguia respirar. Savitri olhou para o alto. Caminhando no meio das árvores, um príncipe vinha em sua direção. Ele refulgia, embora seu brilho fosse mais escuro do que a noite mais escura. Seus olhos e*

*suas vestes eram vermelhos como fogo. Tremendo, Savitri perguntou:*

**SAVITRI**

Quem é você?

**YAMA** *(docemente)*

Princesa, você pode me ver apenas por causa de suas preces e de seu jejum. Eu sou Yama, o deus da morte. Chegou a hora em que devo levar o espírito de Satyavan.

*Yama pegou um cipó e o passou ao redor do corpo de Satyavan. Colocou o polegar sobre a testa de Satyavan. Satyavan parou de respirar.*

**YAMA**

A felicidade espera seu marido no meu reino. Satyavan é um homem de grande virtude.

*Yama apanhou o espírito de Satyavan e o colocou dentro de um saco que trazia escondido em seu manto e se voltou, encaminhando-se para seu reino. Savitri levantou-se e correu atrás dele. Yama deslizou sobre os arbustos da floresta, enquanto Savitri tentava afastar os galhos que feriam seu rosto. Finalmente, Yama se virou para ela.*

**YAMA**

Savitri! você não pode me seguir até a terra dos mortos!

**SAVITRI**

Senhor Yama, eu sei que seu dever é levar meu marido. Mas meu dever como esposa dele é ficar ao lado dele!

**YAMA**

Princesa, esse seu dever chegou ao fim. Fica, eu admiro sua lealdade. Vou lhe conceder uma graça – qualquer coisa que queira, menos a vida de seu marido.

**SAVITRI**

Por favor, devolva a visão e o reino de meu sogro.

**YAMA**

A visão e o reino de seu sogro serão restaurados.

*Yama virou-se novamente de costas para ele. Savitri o seguiu novamente. Perto de um*

*rio, Yama passava sem ser incomodado pelos espinhos, que feriam os pés de Savitri.*

**YAMA**

Volte! Você já veio longe demais!

**SAVITRI**

Senhor Yama, eu sei que meu marido será feliz em seu reino. Mas você está levando minha felicidade embora!

**YAMA**

Princesa, até mesmo o amor precisa se curvar ao destino. Fica, eu admiro sua devoção. Vou lhe conceder outra graça – qualquer coisa que não seja a vida de seu marido.

**SAVITRI**

Dê mais filhos ao meu pai.

**YAMA**

Seu pai terá ainda muitos filhos.

*Yama virou o rosto novamente, e continuou a deslizar por sobre os arbustos. Savitri seguia-o. Yama parou novamente.*

**YAMA**

Savitri! Eu a proíbo de ir mais longe!

**SAVITRI**

Senhor Yama, você é reverenciado e respeitado por todos. Mas não importa o que aconteça, eu estarei com Satyavan.

**YAMA**

Princesa, pela última vez, não continue! Fica, só posso admirar sua coragem e sua firmeza. Vou lhe conceder uma última graça - qualquer coisa menos a vida de seu marido.

**SAVITRI**

Então dê filhos a mim. E permita que eles sejam filhos de Satyavan!

*Os olhos de Yama olharam espantados para Savitri.*

**YAMA**

Você não pediu a vida de seu marido, mas eu não posso conceder a graça que me pediu sem libertá-lo. Princesa! sua astúcia é tão grande quanto sua vontade.

*Yama abriu o saquinho e o espírito de Satyavan saiu voando à procura de seu corpo.*

**YAMA**

Volta, Savitri. Você ganhou a vida de seu marido.

O sol já estava se pondo quando Savitri encontrou o marido. Estava sentado e muito bem.

**SATYAVAN**

O dia já terminou? Dormi tanto tempo... Mas o que há de errado, meu amor? Você está chorando e sorrindo ao mesmo tempo!...

**SAVITRI**

Meu amor, vamos para casa.

**Fim**